

COSTA DA LAGOA: REFLEXÕES SOBRE AS CRIANÇAS, AS BRINCADEIRAS E A NATUREZA

Miraíra Noal Manfroi¹

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, SC - Brasil

Alcyane Marinho²

Universidade Federal de Santa Catarina
Universidade do Estado de Santa Catarina
Florianópolis, SC – Brasil

RESUMO: O artigo apresenta a proposta da pesquisa, desenvolvida em 2014, com as crianças da Costa da Lagoa, comunidade açoriana, localizada na Lagoa da Conceição, em Florianópolis (SC). A definição da Costa partiu da concepção de que há comunidades que mantêm princípios de liberdade com as crianças que, de certa maneira, possuem os tempos e os espaços, no ambiente natural e cultural, para se desafiarem e crescerem. Neste percurso, a pesquisa traz como objetivo a proposta de desvendar os sentidos e significados encontrados nas relações estabelecidas pelas crianças, moradoras da Costa da Lagoa, entre o ser, o brincar e a natureza. A definição metodológica partiu da etnografia, com seu “olhar de perto e de longe” e seu “olhar de dentro e de fora” e se configurou como caminho a ser seguido, com predominância qualitativa e caráter descritivo. O foco foram as crianças que, de maneira geral, estão habilitadas a participar do contexto social, segundo as suas vontades e as suas habilidades, pois pertencer e fazer parte é um direito que se conquista ao nascer. Para a coleta de dados foram utilizados instrumentos complementares entre si: observações participantes; caderno de apontamentos; conversas informais; fotografias; filmagens; desenhos das crianças; participação em eventos da comunidade. Ao concluir a pesquisa, mas longe de saciar as inquietações como pesquisadoras, avaliamos que a etnografia oportunizou uma caminhada significativa pelas trilhas e travessias da Costa. As crianças que aí vivem têm a oportunidade de realizar atividades no ambiente natural, entre árvores, águas, terras e bichos. São crianças desafiadas a superar medos, a ampliar movimentos corporais, a desenvolver o autoconhecimento e a expandir a capacidade de sensibilização.

Palavras-chave: Costa da Lagoa. Crianças. Brincadeiras. Natureza.

COSTA DA LAGOA: REFLECTIONS ABOUT CHILDREN, PLAYING AND NATURE

ABSTRACT: The article presents the research proposal, developed in 2014, with the children of Costa da Lagoa, Azores community, located in Lagoa da Conceição, in Florianópolis (SC). The

¹ Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Membro do Laboratório de Pedagogia do Esporte da UFSC (LAPE) e do Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física da Universidade do Estado de Santa Catarina (LAPLAF/UDESC/CNPq).

² Professora Adjunta do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEFID/UDESC). Professora Permanente do PPGEF/UFSC. Líder do Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física (LAPLAF/UDESC/CNPq).

definition of Costa started from the idea that there are communities that maintain principles of freedom with children, in a way, have the time and space in the natural and cultural environment, to challenge and grow. In this way, the research has as objective the proposal to unravel the meanings found in the relations established by the children living in the Costa da Lagoa, between: being, playing and nature. The methodological definition came from ethnography, with its "look closely and faraway" and his "inside and outside look" and was configured as a path to be followed with a qualitative prevalence and descriptive. The study focuses on children who, in general, are entitled to participate in the social context, according to their wills and their skills, for belonging and part is a right that is won at birth. For data collection were used complementary instruments together: participant observation; notebook; informal conversations; photographs; filming; children's drawings; and participation in community events. Upon completion of the survey, but far from satisfying the concerns as researchers, we conclude that the ethnography provided an opportunity a significant hike the trails and crossings from Costa. Children who live there have the opportunity to carry out activities in the natural environment, among trees, water, land and animals. Children are challenged to overcome fears, to enlarge body movements, to develop self-knowledge and to expand awareness capability.

Keywords: Costa da Lagoa. Children. Play. Nature.

COSTA DA LAGOA: REFLEXIONES SOBRE LOS NIÑOS, LOS JUGUETES Y LA NATURALEZA

RESUMEN: El artículo presenta la propuesta de investigación, desarrollada en 2014, con los niños de la Costa da Lagoa, comunidad azoriana, ubicada en la Lagoa da Conceição, en Florianópolis (SC). La definición de Costa partió de la concepción de que hay comunidades que mantienen principios de libertad con los niños que, de cierto modo, poseen los tiempos y los espacios, en el entorno natural y cultural, para que se desafíen y crezcan. En ese transcurso, la investigación trae como objetivo la propuesta de desvendar los sentidos y significados encontrados en las relaciones establecidas por niños, moradores de la Costa da Lagoa, entre el ser, el jugar y la naturaleza. La definición metodológica partió de la etnografía, con su "mirada desde cerca y desde lejos" y su "mirada hacia adentro y hacia afuera" y se configuró como camino a ser seguido, con predominancia cualitativa y carácter descriptivo. El foco fueron los niños que, de modo general, están habilitados a participar del contexto social, según sus ganas y sus habilidades, pues pertenecer y formar parte es un derecho que se conquista al nacer. Para la recolección de datos se utilizaron instrumentos complementarios entre sí: observaciones participantes; cuaderno de apuntamientos; charlas informales; fotografías; rodajes; dibujos de los niños; participación en eventos de la comunidad. Al concluir la investigación, pero lejos de saciar las inquietudes como investigadoras, evaluamos que la etnografía brindó la oportunidad de una jornada significativa por rutas y travesías de la Costa. Los niños que viven allí tienen la oportunidad de llevar a cabo actividades en el ambiente natural, entre árboles, aguas, tierras y bichos. Son niños desafiados a superar miedos, a ampliar los movimientos corporales, a desarrollar el autoconocimiento y a expandir la capacidad de sensibilización.

Palabras-clave: Costa da Lagoa. Niños. Juguetes. Naturaleza.

Introdução

*Você vai encher os vazios com as suas peraltagens.
E algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos.*

A proposta da pesquisa, desenvolvida em 2014, foi compreender os significados de ser criança na Costa da Lagoa (Costa), comunidade açoriana, localizada na Lagoa da Conceição, em Florianópolis (SC). A definição da Costa partiu da concepção de que há comunidades que mantêm princípios de liberdade com as crianças que, de certa maneira, possuem os tempos e os espaços, no ambiente natural e cultural, para se desafiarem e crescerem. Fundamentada em concepções teóricas que consideram as crianças como seres sociais, que têm o direito de serem respeitadas em suas historicidades e culturas, constatamos que suas realidades eram aparentemente simples, mas inegavelmente complexas. Neste percurso, a pesquisa teve como objetivo amplo a proposta de desvendar os sentidos e significados encontrados nas relações estabelecidas pelas crianças, moradoras da Costa da Lagoa, entre o ser, o brincar e a natureza. Neste artigo, apresentamos o recorte que focaliza as crianças de agora e seus cotidianos brincantes mediados pela natureza.

A Costa, localizada ao norte-leste de Florianópolis (SC), com suas montanhas cercadas de águas e suas cachoeiras, pode ser descrita como um singular espaço ao qual se tem acesso somente por meio dos barcos, que fazem as travessias, ou das trilhas que cruzam as montanhas, atravessando as matas. A ausência de estradas e de meios de transportes mais rápidos tem, de certa maneira, protegido a natureza deste povoado composto por núcleos familiares extensos, formados, em sua maioria, por descendentes de portugueses. Neste cenário, com a lagoa e os caminhos no meio da mata, ouve-se o canto dos passarinhos, despertando a imaginação das crianças que vivem cercadas por morros, águas e trilhas. As suas vidas estão enredadas com a natureza. Neste lugar ainda é possível acompanhar a trajetória de uma folha ao se soltar do galho até atingir o chão. Não que isso não ocorra em outros tantos espaços, mas ali, talvez pelo fato de somente se chegar por barcos e trilhas, a sensibilidade se amplia.

Neste lugar bucólico, os dias e as noites apresentam ritmos próprios de locais cercados por uma natureza abundante, ainda bastante preservada, na qual é possível assistir ao nascer do sol e da lua, ouvindo ao longe os ruídos dos motores dos barcos se misturando ao canto dos pássaros e ao coaxar das rãs. Entre montanhas e águas são, generosamente, gestados os frutos do mar que, transformados pela gastronomia local, atraem turistas para os reconhecidos restaurantes - uma das fontes de renda mais significativas da Costa. Ao definir a Costa como um lugar sagrado (e profano), não negamos a sua correlação com outros tantos territórios - também sagrados (e profanos) - nos quais a vida se faz presente, mesmo que, às vezes, esteja desrespeitada, aviltada, diminuída, negada. É importante evidenciar que, na Costa, apesar de haver tempos e espaços que sejam favoráveis a relações mais próximas e plenas, também se fazem presentes todos os conflitos gestados por relações de poder, de disputas, de interesses econômicos e outros.

A definição metodológica partiu da etnografia, com seu “olhar de perto e de longe” e seu “olhar de dentro e de fora” (MAGNANI, 1998, 2002) e se configurou como caminho a ser seguido, com predominância qualitativa e caráter descritivo. O que se pretendeu foi a descrição holística, isto é, cada momento observado compunha uma unidade que não é apenas a soma das partes, mas um organismo que se articula como um todo. A etnografia também se caracterizou pela ausência de avaliações, comparações e julgamentos, pois não parte de padrões definidos *a priori*, portanto, não há certo ou errado, melhor ou pior, mas há o que se manifesta no cotidiano social e estas foram as informações coletadas, registradas e interpretadas (TRICHÊ; MORETTI-PIRES, 2012). O desafio metodológico foi o de conjugar momentos de mergulho na realidade, com momentos de afastamentos e estranhamentos, para não desprezar aspectos do cotidiano (MAGNANI, 1998, 2002).

A pesquisa proposta pressupôs interfaces entre a educação física e as ciências humanas e sociais, com o intuito de maior aproximação e compreensão da complexidade e, ao mesmo tempo, da simplicidade da vida que acontece na Costa (MINAYO, 1996). A escolha da etnografia se justificou pela delimitação do problema e pelos objetivos da pesquisa que evidenciaram a necessidade de estar no campo de estudo para viver o cotidiano o mais próximo possível das crianças com o mínimo de interferência (GEERTZ, 1989). A partir da etnografia, a compreensão da vida foi buscada como um todo, circulando entre os aspectos simbólicos e culturais da ação social, da existência, das emoções e dos sentimentos vividos pelas crianças.

Neste percurso, se pretendeu compreender as crianças a partir de observações e convivências em suas diferentes maneiras de se relacionarem, de estarem com e na natureza, de brincarem e de se apropriarem dos diferentes conhecimentos. A intenção foi a de registrar o que não está na superfície, articulando o fazer e o pensar das crianças com a história e a cultura de seu povo, pois, como afirma Cohn (2005), a atenção deve ser redobrada quando algo parece óbvio, pois é preciso significar os achados na mediação dos contextos históricos, sociais e culturais.

As crianças, a princípio, foram observadas nos espaços públicos e coletivos, mas só participaram da pesquisa aquelas cujos pais ou responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), permitindo esta participação. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC, Parecer Consubstanciado do CEP Nº 701.067 de 26 de junho de 2014). Considerando que a etnografia não utiliza testes ou outros instrumentos baseados em respostas, comportamentos ou performances esperadas a priori, o caderno de apontamentos foi o companheiro inseparável para que não se perdessem detalhes que, em um primeiro olhar, podem parecer descartáveis, mas que, ao se relacionarem com outros fatos e instrumentos, podem evidenciar significativas particularidades do grupo estudado (GEERTZ, 1989; LAGROU, 1992; MAGNANI, 1998, 2002; COHN, 2005). Assim, para melhor compreensão das travessias efetivadas, mas com a consciência de que nenhum deles aconteceu isoladamente, mas em um *continuum*, foram efetivados:

observações participantes; conversas informais; registros fotográficos; filmagens e desenhos das crianças.

Os mergulhos, as aproximações, os distanciamentos e as reaproximações conduziram até uma Costa viva, habitada por crianças de todas as idades e cercada de natureza. Não foi necessário acelerar conversas ou parar uma brincadeira para pegar o barco. O contato com as crianças se fez de maneira processual e contínua. A flexibilidade e o alargamento no tempo de estar com as crianças possibilitaram efetivar a “descrição densa” (GEERTZ, 1989) que foi pensada ao projetar a pesquisa. A metodologia possibilitou que, após um refinamento teórico sobre o objeto a ser estudado, a Costa se fizesse conhecer em seus espaços e tempos de vida como um lugar privilegiado e ensolarado de viver, conforme suas características e peculiaridades, que passam a ser contextualizadas a seguir.

Aproximando-se das crianças, seus tempos/espços de natureza e cultura na costa da lagoa

Somos natureza e cultura. As crianças são concebidas, gestadas e nascem em uma natureza-cultura que determina valores e jeitos de ser e de viver. Ao mesmo tempo, esta natureza-cultura é colocada em questionamento, sendo transformada pela chegada de cada novo ser. Parte constituinte da vida, a natureza-cultura assegura a materialidade e a forma, mas transcende a matéria. Nos seres humanos, consiste em uma “tradição biológica” que faz parte de um coletivo, mas que também traz as condições para sermos singulares, pois os seres humanos se constituem como parte da natureza-cultura em suas manifestações físico-afetivas.

Na pesquisa, optou-se pela utilização do termo ambiente sem a terminologia meio. A natureza, por sua vez, está sendo entendida sob dois sentidos distintos: a) como sinônimo de ambiente natural referindo-se ao ambiente físico; b) como representação de tudo o que nos cerca e suas inter-relações sem hierarquizar a vida humana e as demais manifestações de vida, na busca da unidade (CORNELL, 1996). A natureza, como unidade, é regida por princípios organizacionais, históricos e culturais. Influencia as organizações sociais, é alterada pela ação humana e pelos próprios fenômenos naturais (BRUHNS, 2004; CHAUI, 2001; TIRIBA, 2010).

A formação das crianças para conviver com uma natureza em constantes mudanças, na concepção de Sorrentino, Portugal e Viezzer (2009), exige que os adultos também se eduquem, pois não é uma educação que se faz de palavras, mas que acontece pela mediação das experiências de estar com e na natureza. Marinho e Inácio (2007) destacam o necessário reencantamento com a natureza e, nesta perspectiva, Cornell (1996) afirma que estar com as crianças nos diferentes ambientes é mais significativo do que falar sobre cada um e, para isto, propõe uma série de atividades que possibilitam brincar e aprender na e com a natureza.

A natureza e a cultura brincantes encontradas na Costa se contrapõem a outros tantos contextos que negam as experiências e nos quais ouvimos, seguidamente, na convivência de adultos com crianças, vozes que gritam: “Não se pendura no corrimão menina!”; “Aqui não é lugar de correr!”; “Não vai se sujar, acabou de tomar banho!”; “Cuidado! Pode cair, pode cortar, pode queimar!”; “Não pegue no cachorro, ele é bravo!”; “Fica quieto!”; “Não vá brincar com a terra, fique aqui sentadinho!”. De fato, embora tenham se ampliado os estudos com as crianças, o acesso ao brincar seja assumido como direito e as estatísticas indiquem a diminuição dos índices de mortalidade infantil (BRASIL, 2012), os espaços e o tempo livre, em contato com o ambiente natural, têm sido reduzidos nas experiências cotidianas das crianças.

Também encontramos a presença do adultocentrismo (FARIA, DEMARTINI, PRADO, 2002; FARIA, FINCO, 2011), perpassando as relações nas quais as crianças são reguladas por obrigações, horários e rotinas massacrantes que, muitas vezes, contrapõem-se ao direito de brincar (TONUCCI, 1997, 2005; MARCELLINO, 2005). Há exceções, ainda há comunidades como a Costa que, por questões geográficas, econômicas e/ou culturais, mantém princípios de maior liberdade com as crianças que, de certa maneira, possuem os tempos e os espaços, no ambiente natural, para se desafiarem e crescerem (AGUIAR, 1994, 1998; NOAL, 2006).

Na Costa, de maneira geral, a idade não habilita ou proíbe, *a priori*, a participação em uma determinada atividade. Nesta comunidade cada um, de acordo com a sua vontade e as suas habilidades participa do coletivo da sua maneira, como é capaz. Nesta dinâmica, todos vão ensinando e aprendendo, pois existem normas de convivência e a compreensão dos significados de ser criança, de ser adulto e de ser velho (AGUIAR, 1994, 1998). Portanto, nesta pesquisa, a faixa etária das crianças, sem ser negada, não foi considerada determinante, pois em comunidades como a Costa, na qual os valores estão fundamentados na natureza, nas relações de parentesco e de vizinhança, as crianças e os adultos convivem em suas “desidades” (NOAL, 2006).

Neste trabalho, também foi considerado o texto de Bruhns (2010), no qual a autora trata da ecologia profunda, mas que pode ser um referencial para que se faça o contraponto a uma visão romantizada que possa ter sido construída ao longo dos meses passados na Costa: a) a natureza não deve ser concebida como algo estagnado, parado no tempo, ela é movimento ininterrupto; b) a natureza que atualmente temos na Costa é resultado de intervenções constantes, inclusive queimadas e derrubada das matas, e nenhuma ação poderá voltar no tempo e apagar essas consequências; c) a relação com a natureza não deve se fundamentar na “pedagogia racional”, técnica, futurista e tampouco na “pedagogia bucólica”, saudosista, de volta ao passado; d) a natureza humana está imbricada com o “natural” que se torna também cultural - belo, harmonioso, cruel, conflitivo; e) as relações de poder e a divergência de interesses estão presentes em todos os momentos, inclusive, entre moradores e turistas que possuem vínculos diferentes com a natureza e com a cultura local. Neste percurso é necessário, na concepção de Bruhns

(2009, p.11), redimensionar o “tradicional naturalismo”, na busca da “reconciliação entre a natureza e a cultura”, evitando, neste percurso, posicionamentos ingênuos, dogmáticos ou excessivamente racionais.

Na Costa, a modernidade que, de certa forma, facilitou a vida, é percebida de maneira conflitante e, com certeza, traz as contradições que levam a uma saudade nostálgica e, ao mesmo tempo, a um reconhecimento das facilidades que existem na atualidade, como a organização do transporte, a chegada da energia elétrica, o acesso ao dinheiro, o aumento do tempo de estudo. Estas modernidades somadas aos empregos fora dos espaços da Costa e ao contato com os turistas facilitaram e exigiram a familiaridade com a televisão, os computadores, a internet, os telefones celulares. Estabelecer o diálogo com outras culturas e ter acesso a tecnologias diferentes das utilizadas tradicionalmente é um direito cidadão inquestionável.

A Costa é um bairro de Florianópolis e suas crianças têm o direito de ir e vir. Têm o direito de ter acesso a conhecimentos e tecnologias para além dos seus tempos e espaços, mas este contato não deve apagar tudo de belo e de desafiador que a Costa oferece para o brincar, para as experiências do coletivo, para a sensibilização e a convivência. Será que a questão é tão séria assim? Diríamos que é complexa e que as concepções dos adultos são, dialeticamente, contraditórias. Houve mudanças que os moradores não conseguiram evitar e, na dinâmica dos movimentos históricos, ainda ocorrerão outras tantas, como relata Girardello (1998, p. 526-527):

Hoje, a Costa tem mais de 500 moradores. Ainda se pesca, embora as redes já não venham tão cheias, e o pirão com peixe continua sendo o prato básico. A farinha é comprada pronta: ainda se planta alguma mandioca, mas o único engenho de beneficiamento que restou é preservado por uma cooperativa de moradores consciente do patrimônio cultural que ele representa. Algumas mulheres ainda fazem renda, mas nenhuma das meninas que entrevistei domina o complexo movimento dos bilros, ao contrário de suas mães e avós quando tinham essa idade.

No emaranhado destas contradições, durante a pesquisa, com as suas travessias e paradas, foi possível estar na Costa, pela mediação dos diferentes espaços e pela natureza, observando e ouvindo, mas cientes de que o processo de pesquisa precisava evitar afirmações carregadas de veracidade que não reconhecem a dinâmica histórica na qual o campo de pesquisa e a ciência estão inseridos. Neste percurso, às vezes confuso e embaçado, com Cecília Meireles (2001, p.1442), estávamos convencidas de que: “[...] enquanto aprendo, desaprendo e torno a reaprender.”, em um constante e inacabado processo de construção e desconstrução do conhecimento. Na Costa, como em qualquer organização social, existem conflitos, embates, disputas, diferenças, mas como professoras de Educação Física, constatamos aspectos reveladores de uma vida saudável e de um aprender a ser e a se movimentar mediados pela natureza (CORNELL, 1996; PRADO, 2012; TIRIBA, 2010).

As onze narrativas que compõem os registros de pesquisa foram rascunhadas no caderno de apontamentos, também em fotografias e vídeos. São compostas de mais laços do que de nós, de mais encontros do que desencontros. Ou seja, seguiram ritmos diferentes, mas compostos de notas que se encontraram e formaram melodias compreensíveis. Foram muitas “experiências vividas” (BENJAMIN, 1980, 2012) que, mesmo selecionadas, possibilitam entender um pouco do que é ser criança na Costa. Permitiram compreender como é delicioso quando a infância nos é oportunizada em meio a tanta natureza, aventuras, bichos, mediada com adultos que dialogam entre si. Infância esta cheia de ralados e machucados, mas principalmente de aladas marcas na alma e no coração, assim poetizada por Manoel de Barros (2010, p. 361): “Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão. Antes que das coisas celestiais.”. Na Costa, a natureza e a cultura se constituem em cenários brincantes com as crianças.

O universo das brincadeiras na Costa da Lagoa

Os contextos da Costa apresentam um coletivo dialogável e brincante, em que os segundos do tempo são mais longos e os espaços mais livremente pisados. Neste cenário a pesquisa foi desenvolvida com fundamentação nos estudos sobre as brincadeiras, o lazer e a “desnaturalização” do agir humano que se origina em contextos sociais e culturais determinados (BENJAMIN, 1980, 2009, 2012; CORNELL, 1996; BROUGÈRE, 1998, 2000; HUIZINGA, 2004; MARCELLINO, 2005, 2013). Também foram consideradas as concepções teóricas que estudam as crianças como seres sociais que têm o direito de serem respeitadas em suas historicidades e culturas (AGUIAR, 1994, 1998; FARIA, DEMARTINI, PRADO, 2002; FARIA, FINCO, 2011; ABRAMOWICZ, 2011).

As crianças foram olhadas e ouvidas como sujeitos de suas escolhas e de suas brincadeiras, também como protagonistas da pesquisa na medida em que ofereciam subsídios para indagações outras que não haviam sido previstas *a priori*. No entanto, também foram consideradas como seres históricos e sociais, como pertencentes a uma cultura e a um coletivo, no qual os adultos estão presentes e no qual existe uma organicidade, valores e comportamentos esperados. Ao estabelecer trocas efetivas com as crianças houve a qualificação do estar com elas e, assim, ampliou-se o entendimento dos diferentes contextos que compõem a Costa como espaço e tempo de viver e de brincar.

Nesta perspectiva e fundamentadas no conceito de “razão sensível” desenvolvido por Bruhns (2004) - com fundamentação em estudos de Maffesoli (1996, 1998, 2001) -, arriscamos buscar: “[...] um conhecimento mais aberto, incorporando o imaginário, o prazer dos sentidos, a emoção, o lúdico, ou seja, parâmetros não-rationais, onde múltiplas possibilidades despontam e o qual não mais se condensa numa matriz única.” (BRUHNS, 2004, p. 98).

Neste percurso, as leituras se constituíram no suporte necessário para pensar a metodologia que a pesquisa proposta exigiu. Estes estudos contribuíram para

compreender que a Costa da Lagoa é, dialeticamente: a) singular, pois mantém traços da cultura açoriana que se manifestam nos jeitos de viver de seus moradores, nos valores que defendem e nos significados que atribuem aos fatos e às coisas; b) complexa, pois se compõe de vilarejos com diferentes configurações e diferentes moradores que se aproximam e se afastam, dependendo da situação; c) parte de uma totalidade, pois não está isolada dos contextos mais amplos (municipal, estadual, nacional, mundial), influenciando e sendo influenciada permanentemente.

Seus moradores estabelecem trocas com outros grupos sociais, principalmente no turismo sazonal, quando para lá convergem pessoas de culturas muito diferenciadas e, embora vivam em contato com a natureza e mantenham traços culturais que valorizam o coletivo e a vida simples, são impregnados de humanidade e, portanto, poderão manifestar características contraditórias, aparentemente antagônicas, mas partes constituintes de qualquer ser humano (delicadeza e aspereza; cooperação e competição; honestidade e esperteza; alegria e tristeza; amor e ódio). As crianças, em seu viver e em suas brincadeiras, são influenciadas e influenciam, mas têm o privilégio de conviver com mulheres e homens plenos de humanidade, mas próximos das concepções de Maturana e Verden-Zöller (2004, p. 24): “[...] vivem como colaboradores iguais, por meio de uma co-inspiração na qual homens e mulheres, mulheres e homens, co-participam da criação de uma consciência mutuamente acolhedora e liberadora, que se prolonga desde a infância até a vida adulta.”

Ao construir a revisão de literatura para fundamentar teoricamente os contextos das brincadeiras infantis com e na natureza, encontramos impasses, pois como afirma Kramer (2002, p. 45): “Diversos são os modos de ler e de se apropriar das teorias; diversas são as portas de entrada, as abordagens, as posições, temas de interesse, estratégias.”. Portanto, houve uma seleção intencional dos trabalhos lidos, releituras foram realizadas na busca de compreender o que estava nebuloso e, assim, buscamos construir o chão para a pesquisa se desenvolver. Com esta concepção, percebeu-se que as crianças que moram na Costa também passam pelos processos desse novo conceito de infâncias, que está sendo construído a partir de 1980, em diálogo mais estreito com a sociologia e a antropologia. Embora sendo moradoras na cidade de Florianópolis, elas estão inseridas em uma cultura peculiar, encontram-se imersas na natureza e convivem com adultos que não perderam o hábito de conversar, de contar histórias e de se empoderarem do tempo e do espaço para viverem as suas verdades.

Ao estudar os autores que estão construindo esta diferente conceituação de infâncias fomos constatando que ser criança é muito mais do que estar em uma determinada etapa da vida. Também não é alguém desprovido de inteligência e de capacidade de pensar e se posicionar, como se usa, pejorativamente, para denominar adultos que, na concepção dos padrões sociais têm comportamento tolo. Para esta tradicional concepção, a infância é uma etapa da vida que precisa ser esquecida para se tornar adulto. Educador e cartunista italiano, Tonucci (2005) apresenta, com clareza, a

imposta transição para um futuro que ainda será e que nega a criança que já é. Para Tonucci (2005), a cultura centrada nos adultos (adultocentrismo) afasta-os das crianças e todos perdem aprendizados significativos que esta convivência pode trazer como a imaginação, a humildade, a alegria, a amorosidade. A vida estanque, fragmentada e cronometrada se opõe aos ritmos da vida que se pretende “mais elevada” (BENJAMIN, 2009, p. 39).

Os adultos que vivem na Costa, em sua maioria, mantêm vivas as crianças que foram e que ainda são. Como as crianças, fazem perguntas, são irreverentes, visitam-se, conversam, contam histórias, riem com facilidade, falam o que lhes vem na memória. Também ficam tristes, rabugentos, choram e brigam. Ao conviver com as crianças, estes adultos as consideram inteligentes, possuidoras de conhecimentos e com possibilidades de conviver na comunidade. Nas observações e registros foram encontradas algumas evidências de que as crianças que vivem na Costa estão mais próximas das concepções de infâncias que têm se efetivado a partir de 1980 (AGUIAR, 1994, 1998; FARIA, DEMARTINI, PRADO, 2002; FARIA, FINCO, 2011; ABRAMOWICZ, 2011). As crianças da Costa, provavelmente pelo contato com a natureza e por seus tempos e espaços alargados para o viver cotidiano, manifestam significativa sensibilidade reflexiva. Sabem que ser adulto traz responsabilidades que talvez não queiram enfrentar com a infância alada que têm, mas aos poucos vão descobrir que podemos continuar crianças pela vida afora e que crescer também tem os seus encantos.

Assim, estas crianças protagonizam as suas infâncias mediadas por experiências, brincadeiras, curiosidades, aventuras, aprendizagens e liberdades. Usufruem do cotidiano da Costa, mas também passeiam para além destes limites. As crianças possuem a consciência de que a maioria dos lugares é de livre circulação para as suas traquinagens, invenções, sorrisos, conversas, brincadeiras, brigas, desentendimentos, expressões. De certa maneira, as crianças se assemelham aos velhos e adultos que também têm poucas restrições para circular e estarem juntos, permitindo uma aproximação com a afirmação de Benjamin (2009, p. 94):

Se a criança não é nenhum Robinson Crusóé, assim também as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas antes fazem parte do povo e da classe a que pertencem. Da mesma forma, os seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e segregada, mas são um mudo diálogo de sinais entre a criança e o povo.

Nas primeiras caminhadas, ao encontrar com as crianças brincando, olhávamos e seguíamos o nosso caminho, sem muita interferência, sem muitas trocas. Com o passar do tempo, os encontros se tornavam festas, com saudações sem fim, beijos e abraços apertados, histórias compridas, brincadeiras. Por meio das trocas afetivas, conversas e brincadeiras (pega-pega, caça ao tesouro, esconde-esconde, jogos com bola e outros) as crianças se tornaram companheiras na pesquisa. Com elas foram compartilhadas histórias, invenções, as frutas do pomar, o brigadeiro de colher, a máquina fotográfica, este estudo.

Na Costa não existem espaços delimitados para o convívio das crianças e o brincar, pois o terreno é muito acidentado, restando uma faixa relativamente estreita entre as águas da lagoa e as montanhas. A organização por aglomerados de casas - as vilas - são relativamente distantes entre si. Há um pequeno parque infantil para as crianças menores, não há quadras poliesportivas e outros equipamentos específicos de lazer. Neste contexto, as crianças brincam nas matas, na lagoa, nos raros campos de grama existentes, nos barcos, nos trapiches, nas casas uns dos outros, nos galhos de árvores, nas lojas, na rampa do Posto de Saúde, no pátio da escola, no caminho que perpassa a comunidade e no entorno dos restaurantes da Vila Principal. As crianças brincam pelos espaços que são extensões das moradias e onde têm vontade, geralmente respeitando os quintais das casas em que não há crianças, de moradores ocasionais ou dos turistas. No entanto, a configuração geográfica torna os espaços da Costa um “território sagrado do brincar” (HORTÉLIO, 2014).

Ao observar as crianças transformando espaços aparentemente não brincantes em locais de traquinagens e felicidades, (re)significamos lugares, objetos e constatamos a alegria das crianças em brincar coletivamente de faz-de-conta, em que pedaços de madeira podem virar cavalos, carrinhos ou barcos. A infância brincante que encontramos na Costa dialoga com os estudos de Maturana e Verden-Zöller (2004, p. 144), uma vez que: “[...] no cotidiano descrevemos como brincadeira qualquer atividade vivida no presente de sua realização e desempenhada de modo emocional, sem nenhum propósito que lhe seja exterior.”. A mesma autora afirma que brincar é muito mais do que imitar os adultos como um treinamento para o futuro, pois as brincadeiras têm significado em si mesmas, são o agora. As crianças da Costa vivem estas experiências que foram consideradas essenciais na pesquisa, pois exigem entrega e são fundamentais, no percurso de crescimento e de humanização, na concepção defendida por Bondía (2002, p.25):

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre.

As crianças que aí vivem têm a oportunidade de experimentar, se arriscar e realizar atividades coletivas entre árvores, águas, terras e bichos. São crianças desafiadas a superar medos, a ampliar movimentos corporais, a desenvolver o autoconhecimento e a expandir a capacidade de sensibilização, vivendo a experiência anunciada por Maturana e Verden-Zöller (2004, p. 19-20):

A criança deve viver na dignidade de ser respeitada e respeitar o outro para que chegue a ser um adulto com o mesmo comportamento, vivendo como um ser com responsabilidade social, qualquer que seja o tipo de vida que lhe caiba. [...] Os meninos e meninas devem crescer na biologia do amor e não na biologia da exigência e da obediência.

Por meio da proximidade com o ambiente natural e a convivência com adultos que as respeitam, as crianças da Costa adquirem e constroem a cultura lúdica. Os adultos, ao brincarem com as crianças, ou ao observá-las brincando, também participam da (re) construção desta cultura. Quando brincam juntos, adultos e crianças descobrem e constroem novas maneiras de se relacionar e de brincar, conhecendo universos simbólicos que constituem a cultura lúdica compartilhada (BENJAMIN, 1980, 2009, 2012; BROUGÈRE, 1998, 2000; HUIZINGA, 2004; MARCELLINO, 2005, 2013; MANFROI, MARINHO, 2014). Nestas experiências, cada um, ao mesmo tempo em que assimila valores e conhecimentos, é também questionador e construtor da cultura, criando espaços de esperanças e de utopias em uma sociedade que precisa reaprender a viver em diálogo com a natureza (TIRIBA, 2010).

Pensando sobre os significados da vida, é inegável que as crianças (e os adultos) precisam de mais brincar, mais poetizar, mais cantar, mais cirandar, mais conversar, mais compartilhar, mais contemplar. Aspectos estes que precisam ser inseridos e ampliados, intencionalmente, no cotidiano das populações e fomentados pelas políticas públicas, pois a cultura da paz e do amor precisa ser construída coletivamente. Esta busca é intencional e precisa ser construída com as experiências cotidianas, como Verden-Zöllner (2004, p. 133) afirma:

Temos capacidade de viver no amor se nele crescemos; e nele precisamos viver para ter saúde espiritual e fisiológica. Não há dúvida de que também podemos aprender a indiferença, a desconfiança ou o ódio, mas quando isso acontece cessa a vida social. E, considerando que ela está constituída como um domínio de existência fundado no amor - e não na indiferença, desconfiança ou ódio -, se termina a convivência social humana, acaba-se o humano.

Viver na Costa, sem negar as contradições existentes, é uma inegável possibilidade de crescer com respeito a si próprio, aos demais e com a natureza. Nesta experiência, fundamentadas em Benjamin (1980), compreendemos que a pesquisa não teve mão única e encontramos nas pequenas narrativas, um jeito mais despojado e coerente de registrar o que lá foi vivido, na convicção de que contar é encantar e reviver, com tempos para silenciar, para pensar, para lembrar e para a (re)construção dos enredos. No entanto, Benjamin, em escrito de 1936 (2012, p. 213) afirma que: “O narrador - por mais familiar que nos soe esse nome - não está absolutamente presente entre nós, em sua eficácia viva.”. O autor ainda adverte que a arte de narrar pode se extinguir: “São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. [...] É como se

estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.”.

Era uma vez... crianças, brincadeiras e narrativas

As crianças da Costa ainda ouvem e contam muitas histórias. A palavra pronunciada tem enredo, tem silêncios, tem sabor e, na concepção de Benjamin (2012, p. 221), tem “uma forma artesanal de comunicação”. Com relação às contações infantis, Girardello (2007, p. 10) afirma que as crianças, em geral, convivem com as narrativas desde que nascem por meio dos acalantos, das cantigas de roda, das canções que seus pais cantam, das conversas dos adultos e de tantas outras manifestações da linguagem: “É ouvindo histórias (lidas e também contadas livremente, inspiradas na literatura ou na experiência vivida) e vendo ouvidas as suas próprias histórias que elas aprendem desde muito cedo a tecer narrativamente sua experiência, e ao fazê-lo vão se constituindo como sujeitos culturais.”.

A Costa é uma terra de crianças que são habilidosas narradoras e requerem bons ouvintes. Este achado, ao mesmo tempo em que nos encantou, criou um impasse: como transformar histórias que começam com “era uma vez” em textos rígidos e formais? Como não deixar escapar a singularidade das falas (e dos silêncios) que vão saindo da boca das crianças, impregnadas de sentimentos, significados, particularidades, contradições? De fato, as observações e as conversas informais na Costa foram se transformando em longas anotações, sem que as crianças narradoras se preocupassem com a comprovação do que era contado, deixando para o ouvinte interpretar a história como quisesse. Não houve preocupação com explicações e tampouco em saber como se dava a assimilação do que apresentavam.

Este jeito de viver e de contar da Costa, mesmo que tecido por crianças, encontrou similitude no texto de Benjamin (2012, p. 217): “O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.”. Esta peculiar característica das narrativas também permitiu que o foco não fosse o brincar, como uma categoria separada, mas como parte de um todo que mistura trocas, brincadeiras, piadas, causos, atrapalhações, conflitos, tensões, imaginários, representações sociais, preconceitos, discriminações e jeitos de ser de cada um com as suas graças, suas rumações e os seus trejeitos risonhos.

Nesta concepção brincante, intercalamos a apresentação dos achados de pesquisa com poesias e textos acadêmicos para a construção das narrativas que exigem leveza e imaginação. Algumas são mais românticas, outras carregam aflições e outras são bem humoradas e geram risos. Dependendo da situação a ser registrada, foram utilizados gravador, filmagens e/ou fotografias e, sempre, registros no caderno de apontamentos. No entanto, as filmagens e as fotografias ainda representam algumas barreiras éticas e

inibidoras, sendo essencial, no alerta de Fontoura (2009, p. 36): “[...] que a filmagem seja voluntária para evitar constrangimentos.”

Sendo assim, quando se percebia que os equipamentos inibiam a fala e as brincadeiras, foram utilizadas anotações no caderno de apontamentos e, invariavelmente, com o passar do tempo, quando os encontros fluíam soltos, era pedida permissão e, assim, era possível filmar e fotografar com tranquilidade, mas sempre respeitando a dignidade de cada criança, não focando aspectos que poderiam denegrir a imagem pessoal. Assim, fizemos o exercício preconizado por Paulo Freire (1987, p. 65): “A prática de pensar a prática é a melhor maneira de aprender a pensar certo.”

Aqui é o ponto em que encontraremos, mais diretamente, com as crianças da Costa e, quem sabe, com as nossas crianças internas. Para compreender a proposta de registro - por narrativas, fotografias, filmagens e desenhos - e posterior interpretação dos achados da pesquisa com as crianças da Costa, compartilhamos de algumas ideias de Tonucci (2005, p. 17) que têm o objetivo de sintonizar concepções e sensibilizar a razão:

Conceder a palavra às crianças não significa fazer-lhes perguntas e fazer com que responda aquela criança que levantou a mão em primeiro lugar. Dessa forma, conseguem-se somente lugares comuns e estereótipos, isto é, a primeira coisa que vem à mente, e suscita-se, entre elas, uma forte competição: quem sabe responde primeiro. Conceder a palavra às crianças significa, pelo contrário, dar a elas as condições de se expressarem.

Esta concepção de que todas as crianças falam, que é preciso ouvi-las e compreendê-las, ficando ao lado delas, reconhecendo que são capazes de dar opinião, de fazer propostas, de ajudar a resolver problemas, orientou a convivência na Costa e indicou algumas trilhas naqueles momentos em que eram questionadas sobre a compreensão dos acontecimentos e dos seus enredos em suas complexidades e contradições, para além do visível ao primeiro olhar. Esta mesma concepção de estar com as crianças assegura a liberdade de solicitar que ao ler as narrativas a seguir sejam desconstruídas certezas, se desaprenda para tornar a aprender, se acalente a vida. Imagine as crianças em suas brincadeiras e risadas, permita-se a liberdade de acreditar: “As andorinhas sabem mais da chuva do que os cientistas.” (BARROS, 2010, p. 393).

Com o objetivo de compartilhar um pouco do que foi vivido na Costa com as crianças, apresentamos a narrativa “Procura-se um cágado visto pela última vez embaixo da ponte”, escolhida entre outras que compõem a pesquisa completa, da qual este artigo faz parte (MANFROI, 2015, p. 148):

Dia dez de junho, acompanhei a Bianca que estava indo buscar o lago, seu irmão mais novo, na escola. Quando chegamos ao portão o lago, Diva e Guizinho saíram correndo e falando: “Vamos lá pegar o cágado com a gente, Mira.”. Foram me puxando pelo braço e então fui com eles até o local em que, supostamente, estaria o animal. A mãe do Guizinho vinha andando mais devagar conversando com uma funcionária da escola.

Para se chegar à casa da Bianca e do lago é necessário passar por uma ponte, bem pequena, que liga o terreno da casa com o caminho. Embaixo dessa ponte passa um córrego, estreito e raso. Foi nesse local que viram um cágado antes de irem para a escola. Quando se aproximaram do local, deixaram as mochilas pelo caminho e foram procurando o cágado. Ele estava perto de uma pedra.

Conversaram. Espiaram o cágado. Montaram uma estratégia para pegar a criatura. O lago pegou um balde e um pedaço de pau. Mais e mais conversas. Agito geral. Foram para baixo da ponte. O Guizinho ficava cuidando o cágado para ver se ele não ia fugir. Quando estavam prestes a pegá-lo, com certeza percebendo o movimento, o cágado deu um mergulho e sumiu. Os três ficaram malucos correndo atrás, olharam embaixo de plantas, atrás de pedras e nada do bicho. Até que a mãe do Guizinho passou por nós e começou a chamar pelo seu nome para ir embora. Diva falou: “*Há que coisa, a gente podia cuidar ele.*”.

Esta narrativa (e as demais apresentadas na pesquisa completa), tendo as crianças como personagens e as suas brincadeiras como enredo, complementadas pelas fotografias e desenhos, carregaram o objetivo de possibilitar um mergulho no cotidiano da Costa como cenário de brincar, relacionar-se, ensinar, aprender, crescer, viver. Costa que apresenta contradições, que tem travessias em barcos com cartazes proibindo jogos, mas nos quais as crianças transgridem e brincam entre adultos que fazem de conta que não estão vendo. Costa que tem barco com piloteiro que carrega carrinhos que ficam estacionados próximos ao leme para quem quiser colocá-los em movimento. Costa que tem crianças que chupam limão como se fosse bergamota, que brincam com um siri e querem vender um cágado, pois, como outras crianças, sabem que o dinheiro da venda poderia ser utilizado para comprar algo. Costa que mistura crianças, meninas e meninos, de diferentes idades, mas que mantém relações marcadas pelos gêneros. Costa que impregna as crianças de árvores, águas, céu e sol, mas que não impermeabiliza para imaginários e sonhos outros, como a Disney, a Rapunzel, “*Chucky, o boneco assassino*”, o *McDonald’s*. Costa que tem a sua medicina popular de ervas medicinais e benzedadeiras, mas que também leva as suas crianças ao médico quando estão com febre. Costa que, com suas gentes e territórios, constitui-se em um cenário de brincar e para as brincadeiras, pois, como Manoel de Barros (2010, p. 437) poetiza: “*É fruto de uma natureza que pensa por imagens.*”.

As crianças da Costa, resguardadas as características de cada família e vilarejo, têm a vida e a natureza para brincarem, conviverem, saborearem. A lagoa é um aquático lugar brincante para nadar, andar de caiaque, *stand up* e, além disso, fazer alguma peraltice nos barcos. Os morros, com suas árvores, trilhas e animais, são espaços de aventuras e de desafios. Em noites frias, uma fogueira aquece e diverte. A brisa traz energia, acaricia a pele, diminui o calor para as brincadeiras e ainda possibilita brincar de pipa. As crianças, resguardados os limites de toda a vida humana, crescem cercadas de sabedorias, desafios, possibilidades, trocas e experiências.

Estar na Costa, com as crianças foi, acima de tudo, uma: “Aventura que incluiu em seu bojo a racionalidade (não a instrumental, mas a estética), a afetividade, o desconcerto da criança, o prazer e mesmo a sedução. Sedução [...] como refinamento das visões, das sensibilidades em relação à criança. Ao diferente, ao ‘outro’.” (GOBBI, 2002, p. 66). O que significa ser criança na Costa? Entre tantas observações, conversas, registros e reflexões, encontramos no depoimento de Sofia, que foi professora e diretora na escola da Costa e que, por identificação e desejo, ainda reside na Costa após a sua aposentadoria, uma fala que resume muito do que foi sentido e vivido nestes tempos de pesquisa:

Olha se eu fosse criança nesse momento, gostaria de ser criança na Costa. [...] Eu acho que ser criança na Costa hoje é um privilégio, porque a criança consegue ser autêntica [...]. Em alguns lugares é uma exceção a criança poder brincar. Aqui vai brincar de canoa, vai tomar banho, vai brincar no caminho, vai andar na trilha. Sem se preocupar com aquelas coisas que outras crianças se preocupam, que não deveriam, mas se preocupam, como cuidar da sua segurança. Aqui na Costa ela tem essa chance de poder brincar como criança, usar o corpo, se movimentar, usar a imaginação. Ao mesmo tempo que ela tem a possibilidade de estar na frente de uma tela de televisão, ela tem a possibilidade de estar na frente de uma lagoa enorme, de poder trabalhar com isso. [...] Ser criança na Costa da Lagoa é poder ser autenticamente criança, poder usufruir dessa fase da vida com toda a intensidade e liberdade que ela exige.

Esta fala permite afirmar que a Costa se constitui de espaços e de tempos para brincar e viver em liberdade. Tem as suas mazelas, tem os seus limites, tem as suas contradições. Que lugares e que gentes não as têm? Puxando as redes junto com as crianças, emergem das águas carregadas de peixes e com alguns entulhos. Assim é a dinâmica da vida, impregnada de coisas para guardar, coisas para serem descartadas, coisas para serem repaginadas.

Algumas considerações... longe do fim

É possível afirmar que a Costa, apesar das contradições e dos espaços ameaçados, ainda é um lugar e uma morada de paz e tranquilidade para as crianças. Passar os primeiros anos de vida na Costa é um privilégio, é ter a chance de viver uma infância recheada de matas, águas, bichos, histórias, brincadeiras, brigas, desentendimentos, harmonias, direito de se expressar, dever de calar e ouvir. As crianças da Costa, em sua maioria, parecem ter consciência da infância que vivem, pois ao serem questionadas se tinham vontade de ser adultas, imediatamente respondiam: “Adorooo ser criança!”; “É muito mais melhor ser criança.”; “É mais melhor ser criança, pra brincar, essas coisas de dinheiro, esses problemas, não precisamos pensar.”.

Na Costa há espaços para as crianças. Estão por todos os lugares, são olhadas e ouvidas. Agem e constroem, junto com os demais, os traços, os costumes, a cultura da comunidade, assim como também sofrem a influência desta cultura. São crianças alegres,

criativas, curiosas, questionadoras, defendem as suas vontades. Gostam de colher frutas nas árvores, de andar de barco, de nadar na lagoa, de criar esconderijos nas matas, de cuidar de bichos, de por o pé na areia, entre tantas outras atividades cotidianas que as mantêm em uma relação estreita com a natureza. Elas são natureza. Elas possuem sensibilidades outras, pois assim como afirma Barros (2010, p. 425): “Por viver muitos anos dentro do mato, moda ave. O menino pegou olhar de pássaro [...]”.

Chegando ao final, mas longe de saciar as curiosidades e as inquietações como pesquisadoras, avaliamos que a etnografia oportunizou uma caminhada consciente e significativa pelas trilhas e travessias da Costa. As conversas fluíram, as relações flutuaram, as fotografias mergulharam e seguimos navegando na consciência de que há laços e compromissos que são para sempre.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In: FARIA, Ana L. G.; FINCO, Daniela. (Orgs.). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 17-36.

AGUIAR, Carmem M. **Educação, cultura e criança**. Campinas: Papyrus, 1994.

_____. **Educação, natureza e cultura**: um modo de ensinar. 1998. 206 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. (1892-1940) **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras Escolhidas v. 1).

BENJAMIN, Walter. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

_____. Textos escolhidos. In: BENJAMIN, W. *et al.* **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 1-85.

BONDIA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, abr. 2002. p. 20-28. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 dez. 2014.

BRASIL. **Resolução Nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos. Disponível em: Acesso em: 24 ago. 2013.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **Revista da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 103-116, jul./dez. 1998.

_____. **Brinquedo e cultura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

BRUHNS, Heloisa T. **A busca pela natureza: turismo e aventura**. São Paulo: Manole, 2009.

_____. Explorando o lazer contemporâneo: entre a razão e a emoção. **Movimento**, v.10, p.93-104, 2004. Disponível em: <http://clacso.redalyc.org/articulo.oa?id=115317720006> Acesso em: 27 nov. 2014.

_____. O ecoturismo e o mito da natureza intocada. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**. Maringá, v. 32, n. 2, p. 157-164, 2010, p. 157-164.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2001.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CORNELL, Joseph. **Brincar e aprender com a natureza**. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

FARIA, Ana. L. G.; DEMARTINI, Zelia.de B. F.; PRADO, Patrícia. D. (Orgs.).**Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2002.

FARIA, Ana. L. G.; FINCO, Daniela. (Orgs.). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011.

FONTOURA, Helena. A. da. Revisitando dados e refletindo sobre o uso de vídeo em etnografia. In: MATTOS, Carmem. L. G. de; FONTOURA, Helena. A. da. **Etnografia e educação: relatos de pesquisa**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIRARDELLO, Gilka. **Televisão e imaginação infantil**: histórias da Costa da Lagoa. 1998. 223 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação/Jornalismo) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

_____. Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. In: **Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte (NICA)**, 2007. Disponível em: http://www.nica.ufsc.br/index.php/publicacoes/gilka_09_Girardello_2007.pdf

GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D (Org.). **Por uma cultura da infância**: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas: Autores Associados, 2002. p.69-92.

HORTÉLIO, Lydia. **Documentário “Tarja branca: a revolução que faltava”**. Direção e o roteiro de Cacau Rhoden. (2014).

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.

LAGROU, Elsje M. A sedução do objeto. In: SILVA, Vagner. G. da; REIS, Leticia. V. de S.; SILVA, José. C. da. **Antropologia e seus espelhos**: a etnografia vista pelos observados. São Paulo: FFLCH/USP, 1994. p. 90-109.

_____. Uma experiência visceral: pesquisa de campo entre os Kaxinawá. In: GROSSI, Miriam. P. (Org.). **Trabalho de campo & subjetividade**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Grupo de Estudos de Gênero & Subjetividade, 1992. p. 19-40.

LAROSSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **O tempo das tribos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1998.

_____. **Sobre o nomadismo:** vagabundagens pós-modernas. São Paulo: Record, 2001.

MAGNANI, José. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

_____. **Festa no pedaço:** cultura popular e lazer na cidade. 2. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

MANFROI, Miraíra N; MARINHO, Alcyane. Praça da poesia: entre histórias e brincadeiras. **Licere**, Belo Horizonte, v.17, n.2, jun/2014 p. 254-282.

MANFROI, Miraíra. N. **Ser criança na costa da lagoa:** memórias, brincadeiras e natureza. 233f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MARCELLINO, Nelson. C. **Lazer e educação.** 17. ed. Campinas: Papirus, 2013.

_____. **Pedagogia da animação.** 7. ed. Campinas: Papirus, 2005.

MARINHO, Alcyane.; INÁCIO, Humberto. L. de D. Educação Física, meio ambiente e aventura: um percurso por vias instigantes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 55-70, maio 2007.

MATURANA, Humberto. R.; VERDEN-ZÖLEER, Gerda. **Amar e brincar:** fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MEIRELES, Cecília. **Poesia Completa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MINAYO, Maria C. de S. (Org.) **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

NOAL, Mirian L. **As crianças Guarani/Kaiowá:** o mitãreko na Aldeia Pirakuá/MS. 2006. 353 f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

PRADO, Patricia D. **Educação e culturas infantis:** crianças pequenininhas brincando na creche. São Paulo: Képos, 2012.

SORRENTINO, Marcos; PORTUGAL, Simone; VIEZZER, Moema. Educação ambiental de jovens e adultos. **Anais...** Jornada Internacional de Educação Ambiental: Belém do Pará, 2009.

TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança**. Porto Alegre: ARTMED, 1997.

_____. **Quando as crianças dizem: agora chega!** Porto Alegre: ARTMED, 2005.

TIRIBA, Léa. Crianças na natureza. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2010. p. 1-20. Disponível em: [file:///C:/Users/Mira%C3%ADra/Downloads/2.9_artigo_mec_crianças_natureza_lea_tiriba%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Mira%C3%ADra/Downloads/2.9_artigo_mec_crianças_natureza_lea_tiriba%20(2).pdf). Acesso em: 13 jul. 2013.

TRICHÊ, Patrícia B. M.; MORETTI-PIRES, Rodrigo O. Pesquisa etnográfica. In: SANTOS, Saray. G. dos; MORETTI-PIRES, Rodrigo. O. **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplicada à Educação Física**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012. p.105-111.

VERDEN-ZÖLLER, Gerda. O brincar na relação materno-infantil. In: MATURANA, Humberto. R.; VERDEN-ZÖLEER, Gerda. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

Endereço para correspondência:

Rua Othon Gama D'Eça, 627, apt 201. CEP: 8801524. Florianópolis (SC).

Emails: mira_nm@hotmail.com
alcyane.marinho@hotmail.com

Recebido em:

02/12/2014

Aprovado em:

05/12/2014